

Deixa Ventar

Cela Luz

Gerard Richter costuma dizer que falar sobre pintura não é apenas difícil, como talvez até completamente sem sentido. Escrever sobre pintura é antes de tudo reconhecer a impossibilidade de dizê-la, reconhecer que a vocação língua é a sua insuficiência, e talvez por isso a procura por linguagens outras. Entre a palavra e a imagem fica sempre algum resto que não se sabe para onde vai. Fadados a fracassar, escrevemos sobre pintura buscando algum alinhamento com a sua gramática. E não podendo capturá-la, damos voltas ao seu redor, exercitando alguma dança possível.

Nesta individual, Cela Luz apresenta uma série de pinturas que rearranjam fragmentos de paisagem. De pequenos formatos – que reforçam o pictórico como gesto íntimo – a pinturas maiores, somos imersos em perspectivas em movimento, horizontes que escapam como memórias fugidias. Cela opera com capturas temporárias, aparições e lampejos prestes a se reconfigurar, entre o referencial e a abstração. Aqui é tudo figura e já não é, imagens sacodidas pelo vento, chiados. vu-uu-uu! veee! vuum! vvvv!

Trata-se também de uma pintura sinestésica. A paleta luminosa, com a textura impositiva do óleo, por vezes sugere cheiros, sabores, deleites impressos na imagem. Uma boca se enche d'água diante das gordas *Jabuticabas*, enquanto *A Noite na Estrada* nos atravessa com um golpe de ar. É qualidade do óleo produzir tangibilidade sobre aquilo que descreve. Embora a pintura produza versões do mundo, ela define o real como aquilo em que se pode por as mãos, oferecendo brilho, solidez. Ver nos ensina também a tocar, possuir. Plínio, o Velho, contava dos passarinhos que tentavam bicar as frutas pintadas por Zêuxis. Talvez a pintura não falsifique a realidade, mas a realidade falsifique a pintura.

E se o gênero da paisagem esteve vinculado ao que há de sublime e monumental, as imagens de Cela vem da memória, reivindicando o horizonte no que há de íntimo, onírico, menor (“menorme”, como quer José Paulo Paes). Embora seja possível vez ou outra reconhecer um jardim ou uma queda d'água, essas composições desafiam nossa familiaridade, já que estão descoladas de qualquer geografia. A praça que serve de referência para uma pintura poderia estar em qualquer lugar do mundo. Curiosamente, são pinturas entre a vocação arquetípica – produzindo um certo senso universal - e o delírio infantil, ávido em brincar com a realidade. O que fazemos diante desses fragmentos é justamente vincular nossos próprios referenciais ou, ao avesso, afrouxar seus significados, suspender a precariedade do real.

“Aprendi a viver em pleno vento”, diz Sophia de Mello Breyner em um de seus poemas. A pintura de Cela Luz caminha com essa lição: chacoalha horizontes, *deixa ventar*.

Pollyana Quintella, 2019

